

CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NA INTERAÇÃO PAIS-CRIANÇA*

Maria Auxiliadora da S. Campos Dessen
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO - O presente artigo faz uma revisão de pesquisas publicadas na área de psicologia do desenvolvimento infantil, focalizando a relação e a interação mãe-pai-criança, bem como as similaridades e diferenças no comportamento de ambos os pais em relação à criança, durante os primeiros anos de vida.

Classe social, escolaridade, ambiente físico, sexo e ordem de nascimento, são algumas das variáveis focalizadas em estudos sobre o tema, nos últimos dez anos. Além disto, são mencionadas algumas considerações sobre aspectos metodológicos no estudo da relação pais-criança.

CONSIDERATIONS ON VARIABLES INVOLVED IN PARENT-CHILD INTERACTION

ABSTRACT - This article reviews research published in the area of psychology of infant development, stressing the mother-father-child relationship and interaction as well as similarities and differences in behavior of both parents in relation to the child during the first years of life.

Social class, educational level, physical environment, sex and birth order are some of the variables which have been stressed in studies on the subject in the last ten years. In addition, some considerations are mentioned concerning methodological aspects of studies on the parent-child relationship,

Considerações sobre aspectos metodológicos no estudo da relação pais-criança.

A compreensão do desenvolvimento humano exige ir além da observação direta do comportamento de uma ou duas pessoas no mesmo local; ela requer um exame de sistemas multipessoais de interação não limitados a uma situação simples e, também, explicações de aspectos do ambiente além da situação imediata que engloba o sujeito (Bronfenbrenner, 1977). Mas, os modelos teóricos em desenvolvimento humano parecem focalizar a atenção nos processos que ocorrem dentro de uma situação simples como, por exemplo, a família, creche, sala

* Este artigo constitui um resumo da parte introdutória da Dissertação apresentada, pela autora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia, pela Universidade de Brasília, em 1984, sob a orientação da Dra. Thereza Pontual de Lemos Mettel, a quem a autora agradece.

de aula e outros, quando uma orientação ecológica ressalta a importância adicional de relações entre sistemas como, por exemplo, a interação entre casa e escola, família e grupo de companheiros. Portanto, tais orientações tendem a ser limitadas, raramente incluindo sistemas adjacentes que possam, de fato, determinar o que pode ou não ocorrer num contexto mais imediato.

Os estudos em situações naturais e de laboratório

Uma das primeiras tentativas de investigar a relação pai-bebê foi feita por Schaffer e Emerson, em 1964 e, subseqüentemente, por Lewis Weinraub e Ban, em 1972 e alguns outros (em Lamb, 1976a). Com exceção dos estudos de Schaffer e Emerson, Ross e outros, em 1975 (em Lamb, 1976a), as pesquisas até então eram conduzidas no laboratório e, só recentemente, é que se tem estudado a relação pais-criança em situações naturais. Isto não significa que os dados obtidos em laboratório não sejam válidos, mas são um pouco limitados e não abarcam a complexidade e multidimensionalidade do mundo social da criança - o contexto ambiental natural.

Dependendo do problema, o laboratório pode ser uma situação completamente apropriada para uma investigação e certos ambientes da vida real podem ser altamente inapropriados (Bronfenbrenner, 1977). O fato de que resultados de pesquisas obtidos no laboratório diferem daqueles observados em casa não pode ser interpretado como evidência para a superioridade de uma situação sobre a outra, exceto em relação a questões de pesquisa específicas.

Um numero de estudos comparativos tem mostrado que tanto pais como crianças se comportam diferentemente em situações de laboratório e de vida real. Quando interpretados em uma perspectiva ecológica, entretanto, os resultados de estudos de um laboratório fornecem um complemento importante para pesquisas realizadas em ambientes naturais como, por exemplo, os estudos sobre "reações a situações estranhas".

Alguns pesquisadores têm-se dedicado a estudos cuja metodologia engloba tanto situações de laboratório quanto situações naturais (Lamb, 1977b; Clarke-Stewart, 1978) e comparam os resultados em ambas as situações. Muitos autores têm defendido o valor potencial do laboratório quando usado para testar modelos, conduzir pesquisas exploratórias e especificar variáveis.

Estudos Observacionais

A ênfase dada, nos últimos anos, à observação direta e sistemática do comportamento muito tem contribuído para o conhecimento das relações pais-criança.

Parece estar havendo pouca variação de situações e circunstâncias nas quais o comportamento social da criança vem sendo observado. Wright (em Peters e Stewart, 1981), por exemplo, observou que entre 1880 e 1960 somente 85 dos 1.409 estudos empíricos que ele revisou, em cinco revistas, apresentavam o critério de estudo observacional da criança. Em uma revisão mais recente, 1960-1976, em quinze revistas, foram encontrados apenas 126 estudos empíricos. Destes, a maioria (57%) foi desenvolvida em escolas maternas, programas de saúde ou semelhantes. A maioria focalizava a criança como a unidade de análise (67%). A natureza recíproca das interações foi grandemente negligenciada. Somente em três por cento destes estudos se observava a interação pai-criança separadamente ou em conjunto com a mãe.

A maneira mais direta de se estudar os efeitos da interação mãe-pai-criança ou o próprio comportamento da criança é através da observação. O método, por causa de sua dificuldade e tempo dispendido, não tem sido usado freqüentemente como se poderia esperar (Lytton, 1973). A etologia, através de seu método e de seus pontos de vista, tem contribuído grandemente para o desenvolvimento desta área da psicologia, embora existam algumas áreas dentro da própria psicologia que não poderão ser estudadas pelo método etológico, como por exemplo, a consciência (Blurton Jones 1981).

Alguns pesquisadores (Belsky, 1981; Martin, 1981, entre outros) estão correntemente engajados na explicação de algumas das interações e relações que caracterizam a rede social da criança. É fundamental que a pesquisa se volte, também, para o estudo da criança com seus companheiros, com o pai e principalmente com irmãos e outros familiares para que a rede social da criança possa ser melhor compreendida.

A relação pai-criança

Como parecia haver uma real e evidente falta de interesse dos psicólogos e outros profissionais de áreas afins, poucos dados sobre o papel do pai foram obtidos em anos anteriores, principalmente até a década de 60. Os poucos dados existentes foram freqüentemente inferidos mais do que documentados pelo estudo direto; assim, os romances eram grandes fontes de dados, principalmente em se tratando do século XVIII e XIX, o que não ocorre atualmente, visto que houve um despertar de interesse pela influência do pai sobre o desenvolvimento da criança.

E uma lástima que fatores históricos, levando a percepções presentes do papel do pai, não tenham sido documentados prontamente e uma boa quantidade de conjecturas seja necessária para tentar descrevê-lo, embora o corpo de dados factuais esteja crescendo. Assim, existem apenas dados conjecturais (Lamb, 1976d) sobre a mudança que a instituição familiar sofreu, principalmente depois da Revolução Industrial, passando da economia cooperativa de famílias extensas para a família nuclear, tendo o pai como "suporte" e "ganha-pão" e a mãe como "educadora da criança".

Com as mudanças evidentes na família e na sociedade em geral tornou-se necessário obter dados fidedignos e as pesquisas sobre os pais passaram a ser de importância social considerável, embora só recentemente os pesquisadores se tenham voltado para o estudo da relação pai-criança. Estes estudos, em sua grande maioria, têm repetido as metodologias e paradigmas testados e provados com a mãe, como, por exemplo, as investigações sobre ausência do pai que são semelhantes àquelas sobre privação materna.

A interação mãe-pai-criança

Segundo Martin (1981), só recentemente tem havido uma ênfase crescente na idéia de bidirecionalidade de influência na interação. De acordo com esta visão, nem informações sobre a influência de características da mãe e pai sobre a criança, nem informações sobre a influência de características da criança sobre a mãe e o pai são suficientes para obter uma compreensão do desenvolvimento dos padrões interpessoais numa família. O ponto importante é compreender a influência mútua da mãe, do pai e da criança no fluxo da interação entre eles.

Para compreender o desenvolvimento social e de personalidade da criança,

as pesquisas necessitam especificar as diferenças entre interações mãe-pai-criança e investigara associação interna entre padrões e a personalidade posterior da criança. Segundo Lamb (1977a), somente quando isto ocorrer é que será possível identificar as características da interação dentro das díades ou tríades. Os pesquisadores (Lamb, 1976, 1977, 1978; Pakizegi, 1978, entre outros) têm, recentemente, enfatizado a exploração da tríade mãe-pai-criança, deixando de lado a díade pais-criança. Mas a tríade mãe-pai-criança não é, naturalmente, o único sistema de três pessoas de importância no desenvolvimento dentro da família. Outras combinações comuns incluem dois irmãos e um pai; pais, crianças e avós; tio ou tia, etc, especialmente na sociedade brasileira, mais do que na anglo-saxônica, onde parece predominar a família nuclear.

Algumas investigações têm considerado o impacto da presença de um dos pais sobre a interação com o outro pai, enquanto outros consideram os efeitos de "estranhos".

Nas pesquisas conduzidas no contexto familiar, as mudanças na interação dentro de uma díade, causada pela presença ou ausência de outro membro da tríade, denotam redução na interação pais-criança associada com a presença de ambas as figuras parentais; por exemplo, estudos da interação mãe-pai-criança mostram que a mãe está menos inclinada a segurar, mudar de posição, tocar ou vocalizar para seu recém-nascido quando o pai é introduzido na situação (Belsky, 1979; 1981; Clarke-Stewart, 1978; Clarke-Stewart, Vander Stopped e Killian, 1979).

Lamb (1977b) verificou que ambas as figuras parentais falam para seus bebês mais freqüentemente quando estão sozinhas com eles; portanto, a presença do outro genitor tem efeitos inibitórios em relação à fala, como também na interação afiliativa. Assim, a natureza da interação diádica pais-criança é influenciada pela presença do outro genitor (Lamb, 1976a, 1977b). O efeito foi similar para ambas as figuras parentais, mas substancialmente diferente quando a terceira pessoa era um estranho (Lamb, 1977a).

Clarke-Stewart (1978) obteve dados semelhantes em observações naturais, tendo constatado que quando ambas as figuras parentais estavam presentes, as mães iniciavam menos conversa e brincadeiras com as crianças do que quando sozinhas com elas. É, na verdade, compreensível que quando o pai está presente, ele toma para si algumas das responsabilidades sobre a criança sentindo, a mãe, menos necessidade de intervir.

Lytton (1979), investigando os efeitos da presença do pai sobre a natureza das interações disciplinares entre mãe-criança, observou que a tendência da mãe a engajar-se em mais ações de controle e a tendência da criança em mostrar menos obediência a ela do que ao pai foi amenizada pela presença do pai, que assumia algumas das responsabilidades e aliviava alguns esforços da mãe, enquanto a criança se tornava, também, mais susceptível a responder para a mãe.

Belsky (1979), ao investigar a influência da presença de ambas as figuras parentais na interação pais-criança, observando 40 famílias de classe média com seus bebês de quinze meses de idade, em suas próprias casas, constatou que as crianças eram significativamente mais passíveis de se moverem em direção à mãe ou ao pai, de mostrarem ou oferecerem coisas e vocalizarem para cada uma delas, quando na presença de um e não de ambas, simultaneamente.

Lamb (1978) mostrou que uma quarta pessoa junto à tríade tinha um impacto análogo ao efeito de uma terceira pessoa sobre a díade ao observar 24 bebês interagindo com seus irmãos numa sala de laboratório. Para Lamb, estas mudanças têm uma explicação de senso comum: - quando o número de interaguintes

disponíveis aumenta, cada indivíduo distribui sua atenção entre aqueles presentes. Mas, parece que somente os níveis absolutos de interação são afetados, não havendo mudança no tipo de interação, isto é, as atividades predominantes são similares a despeito das mudanças na frequência absoluta. Parece que a presença/ausência afeta mais a interação da criança com seus pais do que com outros (Lamb, 1978).

Uma outra explicação se refere ao fato de que quando uma terceira pessoa é um participante ativo na Interação social, podemos esperar que a quantidade de interação entre um dos genitores e a criança seja negativamente correlacionada com a quantidade de interação entre a criança e seu outro genitor, uma vez que uma criança intensamente envolvida na interação com uma pessoa não está disponível para interação com outra.

Similaridades e diferenças no comportamento do pai e da mãe em relação à criança

Ambos os genitores contribuem para o desenvolvimento psicológico de seus filhos, são afetivamente importantes, diferindo a interação entre eles, tanto no contexto quanto no conteúdo. Há acordo generalizado de que mães e pais têm papéis diferentes na socialização da criança, havendo, portanto, um consenso maior entre pesquisadores com relação às similaridades e diferenças no comportamento materno e paterno. Yogman e colaboradores (em Lamb, 1977c) têm mostrado que existem diferenças entre interação pai-criança e mãe-criança, evidentes a partir do terceiro mês de idade.

Lamb (1976b,c) verificou que os bebês de oito meses de idade emitiam comportamentos afiliativos (sorrir, olhar e rir) mais freqüentemente na interação com pais do que com mães; que os pais iniciavam um maior número de jogos físicos e idiossincráticos, enquanto as mães gastavam mais tempo em brincadeiras convencionais; que o contato físico foi significativamente mais positivo com os pais do que com as mães, presumivelmente porque os pais seguravam, com maior freqüência, seus bebês em situações de brincadeiras, enquanto as mães em situações de cuidados diários (dados confirmados por Lamb, 1977a).

Pesquisas recentes sugerem que pais respondem diferencialmente a filhos e filhas, mas não necessariamente de forma estereotipada. O comportamento do pai parece estar, pelo menos em parte, associado com a natureza das exigências colocadas sobre ele pela criança, pela situação e pela disponibilidade potencial de outra pessoa. Portanto, a natureza da interação pai-criança é determinada, não só pelas concepções do papel sexual, como também pelas variáveis interacionais (Peters e Stewart, 1981).

Clarke-Stewart (1978) constatou que o papel dos pais como companheiros de jogos aumentou dos quinze aos trinta meses. As observações de situações naturais mostraram que as mães eram mais interativas do que os pais em quantidades de verbalização, contato físico e brincadeiras com brinquedos, mas não eram diferentes em medidas de responsividade, estimulação, afeição ou nos padrões de inter-relações entre seus comportamentos, exceto para brincadeira social. Ele encontrou, também, que quando os pais brincam, as reações preferenciais das crianças aparentemente ocorrem e sugere, então, que não é o pai, por si, que as crianças preferem, mas o tipo de brincadeira em que os pais tipicamente se engajam - o pai está relacionado às atividades sociais e físicas, enquanto que a mãe às atividades não-sociais e intelectuais.

Segundo Lytton (1976), a maior quantidade de brincadeiras "estouvadas" entre o menino e o pai parece ser devido ao pai ter retornado do trabalho, fazendo superar seu tempo de brincadeira com a criança, quando mãe, depois de um dia inteiro com o filho retira-se, reconhecidamente, para último plano. A mãe tende a falar mais à criança do que o pai (proporção de fala por minuto de presença da mãe). Em seu estudo Lytton observou que o número médio de ordens e proibições das mães foi de 87,5 e dos pais 37,4. Ordens e proibições ocupam uma posição preponderante entre afirmações de controle dos pais e estes variam muito no uso desta forma de controle. O pai emprega o "bater" como uma forma física de controle mais do que a mãe. Isto ocorre, talvez, porque as mães têm maior envolvimento com a criança e se sintam mais responsáveis por ela, tendo uma tendência a intervir mais negativamente e a se engajarem relativamente em mais ações verbais negativas, incluindo a não-obediência aos pedidos da criança.

A incidência de "ações positivas", tanto das mães como dos pais é, consideravelmente, maior do que "ações negativas", enquanto que a criança emite mais ações negativas do que positivas (Lytton, 1976). Na presença do pai, a mãe respondeu à criança mais positivamente e de forma menos neutra; reagiu diferentemente à não-obediência da criança, usando menos respostas neutras e poucas explicações e ignorando mais freqüentemente o ato do que quando estava sozinha com a criança. Os pais proibiam poucas ações das crianças, mas a lista de atividades que eles proibiam era muito semelhante àquela das mães. Portanto, segundo Lytton (1979), a tendência da mãe é engajar-se em mais ações de controle e a tendência da criança é mostrar menos obediência a ela do que ao pai, fato este amenizado pela presença do pai.

Vandell (1979), com o objetivo de comparar a interação pai-criança e mãe-criança, no decorrer do tempo, em termos de conteúdos específicos, medidas individuais mais abstratas e medidas diádicas de seqüências de interação, encontrou tendências de desenvolvimento similares na interação mãe-criança e pai-criança, com exceção do conteúdo específico de atos sociais. Os resultados de seu estudo correspondem àqueles sugeridos pelos trabalhos de Clarke-Stewart e Lamb. Os encontros mãe-criança e pai-criança podem diferir em suas particularidades, mas as características estruturais destas interações e comportamentos são similares como, por exemplo, a complexidade de comportamento, a porcentagem de iniciações e outros.

A literatura sobre a interação pai-criança sugere, portanto, que os comportamentos interativos do pai são caracteristicamente diferentes daqueles da mãe. Tais descobertas são baseadas em observações de pais que desempenham um papel secundário nos cuidados da criança, mais do que naqueles que desempenham um papel primário, podendo esta variável ter influenciado os resultados de tais pesquisas. Field (1978), com o objetivo de comparar a interação de pais e mães que desempenhavam um papel primário com os pais que desempenhavam um papel secundário, observou 36 bebês de quatro meses e encontrou similaridades entre mães e pais que desempenhavam um papel primário nos cuidados da criança, diferindo dos pais que desempenhavam um papel secundário. Os primeiros emitiam mais sorrisos e vocalizações imitativas, bem como imitavam mais caretas infantis do que os segundos.

As similaridades entre mães e pais, quando estes desempenham um papel primário, sugerem que as diferenças pai-mãe não são necessariamente intrínsecas; talvez, elas possam derivar da quantidade diferencial de experiência que eles tenham com seus bebês, desempenhando papéis primários ou secundários. Lamb,

Frodi, Hwang, Frodi e Steinberg (1982), com o objetivo de clarificar as origens dos estilos de interação, ou seja, se os comportamentos de mães e pais que desempenhavam um papel primário diferiam daqueles que desempenhavam um papel secundário, observaram 51 primogênitos de oito meses de idade interagindo com seus pais, em situações não estruturadas. A análise do comportamento dos pais revelou que as mães eram mais passíveis de segurarem, cuidarem, dispensarem afeição, sorrirem e vocalizarem para seus bebês do que os pais, independente do envolvimento relativo nos cuidados. Os pais menos envolvidos se engajavam em mais brincadeiras do que pais envolvidos, enquanto o contrário ocorria entre as mães: mães envolvidas se engajavam em mais brincadeiras.

Variáveis que afetam a interação pais-criança

Com base nas evidências mencionadas acima, é possível concluir que as crianças são apegadas a ambos os pais a partir do início das relações de apego e que a natureza da interação difere qualitativa e consistentemente. As pesquisas, tanto em situações naturais quanto em laboratório, têm confirmado ainda o decréscimo na ocorrência de vários comportamentos de apego sobre o curso do segundo ano, indicando uma maior independência e maturidade destas crianças (Lamb, 1976c, 1977b), ou seja, aos dezoito meses as crianças ainda tratam suas mães como figuras de apego primário, com esta preferência se tornando aparente somente sob impacto de tensão. Já com dois anos e sete meses ou três anos, esta preferência não é tão acentuada, uma vez que a criança, em termos de desenvolvimento, encontra-se mais independente da mãe. Setenta e sete crianças foram observadas em casa, registrando-se as interações sociais naturais nos períodos de 12 a 30 meses, com o objetivo de mostrar a continuidade e mudança no desenvolvimento, a estabilidade individual e as relações no tempo (Clarke-Stewart e Hevey, 1981). A mãe foi a iniciadora predominante da interação, mas sua predominância declinou com o passar do tempo. Sobre este período (de 12 a 30 meses), as mães e as crianças estavam-se tornando parceiras iguais na iniciação de interação e, por volta dos dois anos e meio, elas tinham alcançado igualdade na frequência de iniciações verbais. O contato físico e proximidade mãe-criança declinaram dos 12 aos 30 meses, enquanto que a comunicação verbal da criança aumentou, excedendo suas mães por volta de dois anos e meio. As razões para o declínio da interação iniciada pela mãe são óbvias. Pode ser que, consciente ou inconscientemente, as mães eram encorajadas ou reagiam ao desenvolvimento de habilidades e autonomia de suas crianças iniciando menos interação, oferecendo menos supervisão e não respondendo a todo sorriso, vocalização e gesto da criança. Ou pode ser que este decréscimo na interação acompanhe a diminuição de interesse da mãe na interação social com sua criança ou reflita, simplesmente, uma mudança no tipo de relacionamento entre elas.

Parece que as mudanças nas iniciações e nos conteúdos ou temas de interações pais-criança estão relacionadas, também, a mudanças no desenvolvimento, a características da criança e ainda a mudanças na situação. Green, Gustafson e West (1980) observaram bebês de 6, 8 e 12 meses e suas mães com o propósito de mostrar como as capacidades sociais e motoras dos bebês afetavam os encontros sociais diários. Seus resultados demonstraram que: (a) - o ambiente social do bebê é determinado, em parte, pelo seu status de desenvolvimento e (b) - existem diferenças consistentes entre diádes mãe-bebê através do tempo. Os pais de crianças muito ativas tendem a interromper fisicamente a criança e têm

dificuldades em estabelecer boas relações com elas, enquanto que interações envolvendo crianças menos ativas são, geralmente, mais calmas e harmoniosas.

Mães e pais interagem freqüentemente em situações diferentes com suas crianças e nós sabemos que as situações nas quais as pessoas estão envolvidas afetam seu comportamento. O modo predominante de interação dos pais envolve tentativas de beneficiar ou expressar interesse pela criança; entretanto, crianças pequenas são raramente observadas encorajando, oferecendo ajuda ou perguntando pelo bem-estar de seus pais. O segundo modo predominante de comportamento dos pais envolve tentativas para controlar ou influenciar o comportamento, o que é infreqüente entre crianças pequenas (Pakizegi, 1978).

Tanto o comportamento da mãe quanto da criança são influenciados não somente pela situação corrente, mas também pela natureza da situação precedente. Assim, o comportamento da mãe e da criança é determinado tanto pelos efeitos da situação ou condição na qual elas se encontram, quanto por qualquer situação particular que constitua um aumento ou decréscimo relativo no nível de interação entre elas.

São inúmeras as variáveis que afetam a interação mãe-pai-criança e os dados de pesquisa, em grande parte contraditórios, sugerem a necessidade de mais estudos, a fim de esclarecer tais influências. Abordaremos, a seguir, algumas das variáveis focalizadas em estudos sobre o tema, principalmente nos últimos 10 anos; assim a classe social, escolaridade, sociabilidade familiar, sexo e outras, são variáveis que têm despertado o interesse de pesquisadores.

O ambiente físico, bem como os comportamentos, intenções e cognições dos parceiros em uma interação representam partes significativas do contexto ou situação que devem ser consideradas. O conhecimento das circunstâncias nas quais a interação ocorre influencia a descrição de comportamentos observáveis, a escolha de comportamentos a serem analisados e as suposições sobre os efeitos recíprocos entre os pais e as crianças (Thomas e Martin, 1976).

A classe social também parece influenciar a interação pai-criança. Lamb (1976b) encontrou que pais de famílias de status sócio-econômico alto podem participar mais extensivamente em atividades de cuidados, embora a quantidade de contato físico e resposta sejam uniformes entre as classes. Já Lawson e Ingleby (1974) observaram que crianças de classes sociais mais altas parecem receber menos atenção, tanto do pai quanto da mãe. Mas Harmon e Kogan (1980) examinando a classe social como uma variável na interação entre as mães e suas crianças pré-escolares de 3, 4 e 5 anos de idade, através de filmagens em uma sala com espelho unidirecional, cuja instrução era para que brincassem como geralmente faziam em casa, concluíram que a classe social não era uma variável que poderia ser usada para predizer diferenças na interação entre mães e crianças pré-escolares, como acontecia nos anos 60 e 70.

Já mães que freqüentaram a universidade conversavam significativamente mais com suas crianças do que mães que não a freqüentaram e as diferenças para os pais foram na mesma direção, embora não tenham alcançado significância. Tanto as mães quanto os pais que freqüentaram a universidade empregaram menos proibições, mais sugestões e obedeciam mais prontamente aos pedidos de suas crianças (Lytton, 1976).

Quando as crianças faziam parte de uma rede familiar sociável e de interações familiares amigáveis entre adultos, sua sociabilidade (medida através de três comportamentos sociais: sorrir, vocalizar e brincar) à mãe e, também, a estranhos

aumentou. Isto ocorreu tanto em observações de situações naturais quanto em situações estruturadas (Clarke-Stewart, Umeh, Snow e Pederson, 1980).

Segundo Korner (1974), há muito pouca dúvida, julgando a partir da literatura, de que bem cedo os bebês do sexo masculino e feminino são tratados diferentemente pelas pessoas encarregadas de seus cuidados, tendo o sexo influência sobre o comportamento dos pais imediatamente após o nascimento.

O sexo feminino emerge como mais receptivo a certos tipos de estímulos e como oralmente mais sensitivos. Há, também, evidências sugestivas de que o sexo masculino pode ser dotado, desde o nascimento, de uma maior força física e vigor muscular.

Rothbart e Maccoby (1966) verificaram que as mães mostravam mais permissividade e atenção positiva a seus filhos do que a suas filhas, enquanto o contrário ocorria com os pais. Os pais permitiam mais agressão de suas filhas do que de seus filhos, enquanto que as mães permitiam mais agressão de seus filhos.

Noller (1980), observando ambos os genitores e duas crianças entre 5 e 8 anos, uma de cada sexo, em uma situação padronizada, encontrou diferenças entre diádes pais-criança do mesmo sexo e de sexos diferentes, com os pais dispensando menos comportamento verbal negativo para a criança do sexo oposto do que para a criança do mesmo sexo. Portanto, parece existir uma tendência das figuras parentais a serem mais restritivas com a criança do mesmo sexo e mais permissivas com a criança do sexo oposto.

No entanto, algumas pesquisas parecem não confirmar tal fato. Lawson e Ingleby (1974) encontraram meninos recebendo mais atenção concentrada e cuidados básicos, tanto da mãe quanto do pai e Margolin e Patterson (1975), com o objetivo de obter dados seguros sobre respostas diferenciais de mães e pais a seus filhos e filhas, quando as interações ocorriam em casa, encontraram os meninos recebendo mais respostas positivas de seus pais do que as meninas. Os pais emitiam quase duas vezes mais respostas positivas a seus filhos do que às filhas, enquanto as mães emitiam quase o mesmo número de respostas positivas a meninos e meninas. Não houve diferença significativa na quantidade de consequências negativas emitidas a filhos e filhas, por mães e pais.

Os pais elogiavam, encorajavam, engajavam e iniciavam brincadeiras mais frequentemente quando a criança era mais jovem do que mais velha (Smith e Daglish, 1977), enquanto que Gunnar e Donahue (1980) não encontraram diferenças no comportamento maternal em função da idade e sexo do bebê, mas o comportamento dos bebês (6, 9 e 12 meses) diferiam com a idade e sexo - as meninas iniciavam mais interações do que meninos e, em todas as três idades, as meninas respondiam mais às iniciações vocais do que os meninos.

Já Belsky (1979), investigando as similaridades e diferenças no comportamento de pais e mães ao interagirem com seus bebês de 15 meses, não encontrou nenhuma diferença significativa no comportamento dos pais como uma função do sexo do bebê.

Fagot (1978), observando primogênitos entre 20 e 24 meses e seus pais, em casa, constatou que os pais reagiam mais favoravelmente às crianças quando estas se engajavam em comportamentos considerados por eles como preferidos para o seu sexo, e eram mais passíveis de emitirem respostas negativas a comportamentos que eles relataram serem preferidos para o sexo oposto. Os pais emitiam mais respostas negativas a meninas quando estas estavam engajadas em atividades motoras e ativas e mais respostas positivas quando elas se engajavam em comportamentos dependentes e orientados pelos adultos. Os meninos eram

significativamente mais passíveis de serem deixados brincando sozinhos do que as meninas e estas recebiam mais elogios e críticas de ambos os pais, embora as mães criticassem mais freqüentemente do que os pais.

Por outro lado, Basket e Johnson (1982) encontraram que a criança do sexo feminino tendia, geralmente, a interagir mais com pessoas familiares (pais e irmãos) do que a criança do sexo masculino, embora não tenha havido diferença significativa em função da idade. As meninas tendiam a dare obedecerás ordens, a censurar e tocar os outros mais freqüentemente do que meninos. Os meninos, por outro lado, conversavam e exigiam mais atenção do que as meninas.

A ordem de nascimento é outra variável apontada pela literatura como tendo influência na interação pais-criança. Geralmente se considera que o tratamento e a experiência que uma criança recebe dentro da estrutura familiar, como uma função de sua posição ordinal, produzem as diferenças comportamentais subseqüentes. Alguns fatores poderiam contribuir para as experiências diferenciais associadas com a ordem de nascimento, tais como disponibilidade dos recursos dos pais, investimento dos pais na criança, competição de irmãos e a experiência e habilidade da mãe nos cuidados com a criança.

Esta apresentação, de maneira alguma, pretende ser exaustiva. Muitas outras variáveis afetam, quer direta ou indiretamente a interação pais-criança e não foram mencionadas aqui, como, por exemplo, as variáveis dos pais e do relacionamento do casal. Como ficou evidenciado, trata-se de um assunto complexo, havendo necessidade de mais pesquisas que, preferencialmente, considerem o contexto ecológico mais amplo no qual a família está inserida, além, evidentemente, da contribuição de outras ciências afins.

REFERÊNCIAS

- BASKET, L. M., & JOHNSON, S. M. (1982). The young child's interactions with parents versus siblings: A behavioral analysis. *Child Development*, 53, 643-650.
- BELSKY, J. (1979). Mother-father-infant interaction: A naturalistic observational study. *Developmental Psychology*, 15 (6), 601-607.
- BELSKY, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17, 3-23.
- BLURTON-JONES, N. (1981). Características do estudo etológico do comportamento humano. Em N. Blurton-Jones (Ed.). *Estudos etológicos do comportamento da criança*. São Paulo: Pioneira.
- BRONFENBRENNER, U. (1977). Toward and experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32 (7), 513-530.
- CLARKE-STEWART, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young child. *Child Development* 49, 466-478.
- CLARKE-STEWART, K. A., VANDER STOPED, L., & KILLIAN, G. (1979). Analysis and replication of mother-child relations at two years of age. *Child Development*, 50, 777-793.

- CLARKE-STEWART, K. A., UMEH, B. J., SNOW, M. E., & PEDERSON, J. A. (1980). Development and prediction of children's sociability from 1 to 2 1/2 years. *Developmental Psychology*, 16, 290-302.
- CLARKE-STEWART, K. A., & HEVEY, C. M. (1981). Longitudinal relations in repeated observations of mother-child interaction from 1 to 2 1/2 years. *Developmental Psychology*, 17 (2), 127-145.
- FAGOT, B. I. (1978). The influence of sex of child on parental reactions to toddler children. *Child Development*, 49, 459-465.
- FIELD, T. (1978). Interaction patterns of primary versus secondary caretaker fathers. *Developmental Psychology*, 14, 183-184.
- GREEN, J. A., GUSTAFSON, G. E., & WEST, M. J. (1980). Effects of infant development on mother-infant interactions. *Child Development*, 51, 199-207.
- GUNNAR, M. R., & DONAHUE, M. (1980). Sex differences in social responsiveness between six months and twelve months. *Child Development*, 51, 262-265.
- HARMON, D., & KOGAN, K. L. (1980). Social class and mother child interaction. *Psychological Reports*, 46, 1075-1084.
- KORNER, A. F. (1974). The effect of the infant's state, level of arousal, sex and ontogenetic stage on the caregiver. Em M. Lewis & L. A. Rosenblum (Eds.). *The effect of the infant on its caregiver*. N. York: Wiley.
- LAMB, M. E. (1976). Interactions between eight-month old children and their fathers and mothers. Em M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development*. N. York: Wiley (a).
- LAMB, M. E. (1976). Parent-infant interaction in eight-month-olds. *Child Psychiatric Human Development*, 7, 56-63 (b).
- LAMB, M. E. (1976). Interaction between two year-olds and their mothers and fathers. *Psychological Report*, 38, 447-450 (c).
- LAMB, M. E. (1976). The role of the father: An overview. Em M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development*. N. York: Wiley (d).
- LAMB, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in first year of life. *Child Development*, 48, 167-181 (a).
- LAMB, M. E. (1977). The development of mother-infant-and-father-infant attachments in second year of life. *Developmental Psychology*, 13, 637-648 (b).
- LAMB, M. E. (1977). Reexamination of the infant social world. *Human Development*, 20, 65-85 (c).
- LAMB, M. E. (1978). Interaction between 18 month-olds and their preschoolaged siblings. *Child Development*, 49, 51-59.

- LAMB, M. E. FRODI, A. M., HWANG, C P., FRODI, M., & STEINBERG, J. (1982). Mother-and-father-infant interaction involving play and holding in traditional and non-traditional Swedish families. *Developmental Psychology*, 18 (2), 215-221.
- LAWSON, A., & INGLEBY, J. D. (1974). Daily routines of preschool children. Effects of age, birth order, sex and social class, and developmental correlates. *Psychological Medicine*, 4, 399-415.
- LYTTON, H. (1973). Three approaches to the study of parent-child interaction: Ethological, interview and experimental. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 14, 1-17.
- LYTTON, H. (1976). The socialization of two-year-old boys: Ecological findings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17, 287-304.
- LYTTON, H. (1979). Disciplinary encounters between young boys and their mothers and fathers: Is there a contingency system. *Developmental Psychology*, 15, 256-268.
- MARGOLIN, G., & PATTERSON, G. R. (1975). Differential consequences provided by mothers and fathers for their sons and daughters. *Developmental Psychology*, 11, 537-538.
- MARTIN, J. A. (1981). A longitudinal study of the consequences of early mother-infant interaction: A microanalytic approach. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 46 (3), Serial n.º 190.
- NOLLER, P. (1980). Cross-gender effect in two-child families. *Developmental Psychology*, 16 (2), 159-160.
- PAKIZEGI, B. (1978). The interaction of mothers and fathers with their sons. *Child Development*, 49, 479-482.
- PETERS, D. L., & STEWART, R. B. (1981). Father child interactions in a shopping mall: A naturalistic study of father role behavior. *The Journal of Genetic Psychology*, 138, 269-278.
- ROTH BART, M. K., & MACCOBY, E. E. (1966). Parents differential reactions to sons and daughters. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 237-243.
- SMITH, P. K., & DAGLISH, L (1977). Sex differences in parent and infant behavior in the home. *Child Development*, 48, 1250-1254.
- THOMAS, E. A., & MARTIN, J. A. (1976). Analysis of parent-infant interaction. *Psychological Review*, 83, 141-156.
- VANDELL, D. L. (1979). A microanalysis of toddlers social interaction with mothers and fathers. *The Journal of Genetic Psychology*, 134, 299-312.

Artigo recebido em agosto de 1985.